

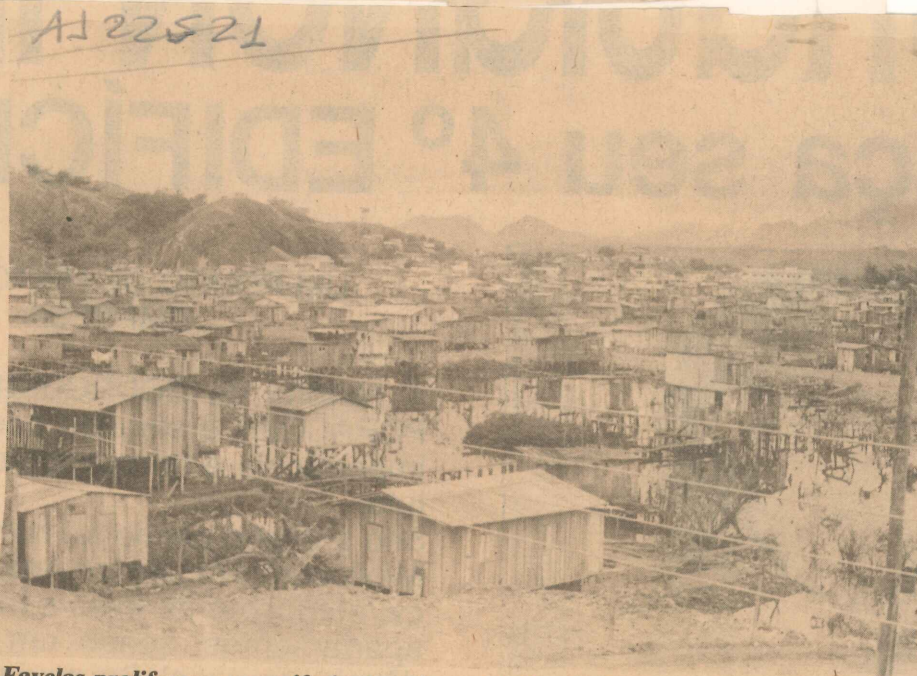
Cerca de 30% da população ⁴⁰ urbana vivem em favelas

Cerca de 30% da população da Grande Vitória vivem nas cem favelas estimadas dos cinco municípios — Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana. Esses dados são da Companhia Habitacional, que apesar da experiência no ramo de fornecimento de habitação para os habitantes de baixa renda, não têm números mais conclusivos sobre quantos cidadãos vivem em aglomerados urbanos subnormais, como são identificadas essas localidades.

Enfim, os habitantes das favelas estão distribuídos em morros ou regiões de mangues, com característica comum, como a falta de urbanização mínima e concentrados na malha urbana das grandes cidades. Somente há bem pouco tempo que os órgãos financiadores de habitação estão voltados para as favelas, principalmente através do Profilurb, da Cohab. A Companhia foi encarregada de trabalhar na melhoria das favelas da Grande Vitória, uma tarefa que já começou a ser desenvolvida.

“O que marca esses aglomerados é a residência da população de renda mais baixa, que tem dificuldade e precisa da intervenção do governo para ter sua moradia, ou casa própria, um lote, urbanização”, explicou João Carlos Neves Loureiro, da Cohab, para acrescentar ainda que “logicamente existe uma série de fatores para que uma pessoa more em condições subnormais”.

“As dificuldades vão desde as de ordem financeira à facilidade de transporte que essas localidades propiciam, pois geralmente localizam-se próximos aos centros urbanos. Para um trabalhador, diminuir os custos de transporte é muito importante, que isso pesa considera-



Favelas proliferam na periferia das cinco cidades da Grande Vitória

velmente em seu orçamento mensal”, lembrou o diretor.

Os moradores das favelas, em sua maioria, são provenientes do interior ou de outros Estados, atraídos pela possibilidade de ascender socialmente e ainda de trabalho em concentrações industriais. Segundo o diretor da Cohab, os órgãos públicos estão passando por uma fase de voltar as atenções para as favelas, como trabalho prioritário de urbanização e saneamento básico. “O Estado tem se preocupado com as favelas e, inclusive, está com vários estudos de aglomerados urbanos. A Prefeitura Municipal de Vitória, por exemplo, está fazendo projetos nas favelas de Vitória, como ocorre em outros municípios — Cariacica, Serra e em Vila Velha. Temos projetos para os bairros de Flexal, Itanhenga, Morro de São João, Morro de São Benedito, construção de galerias em Jardim América”, informou João Carlos.

Aos poucos — segundo o diretor da Cohab — será possível dar um fim as péssimas condições de

infra-estrutura das favelas. “Num curto espaço de tempo pretendemos que elas tenham infra-estrutura mínima — com luz, água, esgoto e pavimentação. Contudo, sabemos que é muito difícil o trabalho por se tratar de regiões densamente povoadas e que não se poderá despovoá-las para executar os serviços. Terão que ser realizados com os moradores continuando em suas casas”, lembrou.

Nova mentalidade

A nova mentalidade no Sistema Financeiro da Habitação é de que nem sempre é viável remover moradores dos aglomerados subnormais e levá-los para os conjuntos habitacionais, mais distantes da malha urbana. “Por muito tempo se tentou remover essas famílias e quando elas se retiravam, saíam contrariadas porque preferiam permanecer nas favelas, mesmo com todas as péssimas condições de habitabilidade”, esclareceu João Carlos Loureiro.

“Muitas vezes, é preferível investir na urbanização da área do que tentar a remoção. Como as

favelas são nos centros urbanos, todo acesso aos serviços é mais fácil. Ao contrário do que em conjuntos mais distantes. É claro, que quem quiser sair da favela e ocupar uma unidade em conjuntos terá essa chance”, salientou Loureiro.

Os serviços de urbanização das favelas, segundo o diretor, serão totalmente feitos pelo Governo do Estado e as prefeituras, através do Plano de Prioridades Sociais do Governo Federal, a fundo perdido.

Recursos

É difícil estimar — segundo João Carlos Loureiro — o volume de recursos que é necessário para urbanizar adequadamente os aglomerados urbanos subnormais da Grande Vitória. “Não temos esses dados, mas acredito que a pesquisa que está sendo realizada pelo Instituto Jones dos Santos Neves poderá detectar a realidade habitacional capixaba, permitindo identificar mais claramente o que precisaremos em termos de recursos de urbanização das favelas”, esclareceu.

João Carlos Loureiro fez questão de frisar que a Cohab não está procurando resolver o problema habitacional das favelas pura e simplesmente por meio da sua urbanização. “Sabemos que o êxodo rural é o grande motivador das concentrações urbanas subnormais e estamos trabalhando para aumentar o número de conjuntos habitacionais no interior do estado, dando condições de fixar o homem no campo”, salientou.

Assessoria

A Ascama concorda com a orientação da Cohab de urbanizar as favelas da Grande Vitória. Porém, vai mais longe e quer que a companhia e os órgãos de fomento à habitação criem condições para que o morador tenha condições de construir ou melhorar suas moradias. “Não defendemos o sistema mutirão como foi usado por Iris Rezende. Defendemos o projeto de autoconstrução, onde se dá o material de construção e a assistência técnica para que o mutuário construa sua casa”, disse Irini Lopes.

Uma crítica nesse campo, a Ascama direciona para o ex-governador Gérson Camata que recusou um projeto de urbanização e construção de moradias que a Ascama tinha para o bairro São Pedro, em Vitória. “O Camata recusou por questões político-partidárias um projeto de ampla viabilidade de pouco custo financeiro. Propúnhamos aproveitar as concheiras em abundância no bairro e transformá-las em cal, desenvolvendo o projeto que denominamos solo-cal. A exploração seria sob a forma de cooperativas e depois seriam construídas as casas”, informou a presidente da Ascama.